

Histórias de mulheres no esporte gaúcho: Lea Linhares - a primeira judoca faixa-preta do Rio Grande do Sul

Silvana Vilodre Goellner¹

A participação das mulheres no esporte gaúcho data do final do século XIX seja como espectadoras ou praticantes. Esta presença pode ser observada em diferentes espaços nos quais as práticas corporais são vivenciadas: ruas, clubes, parques e praças, escola, agremiações, ginásios, entre outros. No entanto, ainda são incipientes os registros que detalham essa participação, escassez essa relacionada a determinadas representações culturais cuja circulação imputou às mulheres várias restrições no que respeita à vivência esportiva. A mais significativa delas recai sobre a preservação de uma dada representação de feminilidade segundo a qual, a graciosidade, a suavidade, a beleza, o recato,

¹ Professora do Departamento de Educação Física da UFRGS. Coordenadora do Centro de Memória do Esporte e do Grupo de Pesquisa sobre Cultura e Corpo (GRECCO). Pesquisadora do CNPq.

a maternidade eram dignificadas como atributos essenciais e constituintes de uma “verdadeira mulher”.

Em função dessa representação, várias atividades esportivas foram desaconselhadas e mesmo proibidas às mulheres tais como os esportes de luta, as provas de longa distância e o futebol. Consideradas como modalidades masculinas e masculinizadoras, tais modalidades foram narradas, e algumas vezes ainda são, como territórios mais apropriados para os homens na medida em que exigem atributos culturalmente designados como viris.

Em que pese essa representação, quero registrar que desde os primórdios do esporte algumas mulheres transgrediram barreiras e, à despeito das normas vigentes, protagonizaram histórias que contribuiriam para a estruturação do esporte no Rio Grande do Sul, mesmo que oficialmente não sejam reconhecidas, mencionadas ou mesmo lembradas.

Lea Maria Chaves Linhares¹ é uma dessas mulheres. Seu protagonismo se deu na década de 1960 em uma modalidade na qual a mulheres pouco participavam: o judô.

Em 1965 se interessou por esta modalidade e iniciou a praticá-la na escola que frequentava onde havia uma turma com aproximadamente 18 alunas e que, passados 6 meses de seu início, apenas Lea continuou interessada nas aulas. Começou, então, a frequentar, o Clube Gondoleiros, no qual treinava diariamente com o intuito de tornar-se uma atleta da modalidade e também professora.

¹ Os depoimentos de Lea Linhares transcritos nesse texto foram concedidos ao Projeto Garimpando Memórias, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte. Estão disponíveis na íntegra no seguinte endereço: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50107/000790908.pdf?sequence=1> e <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49977/000728717.pdf?sequence=1>

Eu adorava o judô! Eu era praticar, praticar e primeiro de tudo, eu queria ter o judô, o conhecimento do judô, tanto é que eu estudava tanto teoricamente quanto a prática mesmo... o judô era tudo... como jovem, como adolescente, eu estudava para ter uma profissão, tirar uma Educação Física e seguir com o meu judô, dando aula e seguir em frente.

Esse sonho e determinação fizeram com que Lea se tornasse, em 1969, a primeira mulher a conquistar a faixa-preta no Rio Grande do Sul na sequência da obtenção das faixas roxa em 1967 e marrom em 1968. Seu pioneirismo desestruturou a oficialidade do esporte fazendo com que a Federação de Pugilismo (que à época congregava o Judô) buscasse estratégias para reconhecer tal ineditismo.

Vale lembrar que neste momento estava em vigência o Decreto-lei, nº 3.199, de 14/04/41, art. 54, especificado pela Norma 7/65-2 cujo conteúdo proibia a luta competitiva entre mulheres. Razão pela qual o título de faixa-preta conquistado por Lea Linhares não foi reconhecido pela Confederação Brasileira de Desportos.

Além de atleta Léa envolveu-se em outras atividades relativas ao judô: ministrava aulas para crianças e jovens, era árbitra, realizava demonstrações antes de competições masculinas, atuava como instrutora da defesa pessoal, enfim, investiu na modalidade. Investimento que, ao ser subvalorizado pelo não reconhecimento de seu título e pela limitação de participar em competições esportivas, lhe causou mágoas profundas levando-a romper com o judô diante da necessidade de trabalhar e de certo modo seguir a vida à despeito do abandono de seu sonho.

E eu amava o judô, adorava. Era a razão da minha vida na época. Aí é como eu digo financeiramente eu não ganhava nada, não tinha proveito financeiro. Eu tinha que viver. E eu era tão pobre que pode se dizer que eu morei em uma peça, eu, minha mãe e meu irmão. Hoje eu tenho minha casa, tenho meu carro, minha família. Mas eu fui atrás, batalhei por isso. Então, só por isso eu me afastei do judô, questão financeira mesmo.

Seu título inédito ainda reside nas zonas de sombra pois oficialmente não é reconhecida como a primeira faixa-preta gaúcha. Seu afastamento não foi apenas do tatame mas, de certo modo, de uma etapa da sua vida cujas memórias são acompanhadas de tristeza e desencanto.

[...] eu fiquei tão desiludida, que eu apaguei anos e anos de minha vida e chegar ao ponto de negar, de esconder uma coisa que foi muito legal na tua vida. Mas eu neguei, em muitos e muitos anos, eu neguei.

Na década de 1970 o presidente da recém-criada Federação Gaúcha de Judô, Ricardo Rodrigues Gaston, fez contato com a atleta incentivando-a a enviar sua documentação à Confederação Brasileira de Desportos reclamando o reconhecimento de seu título, ao que responde:

Ah não, agora não. Agora já estou velha, não quero mais saber de judô. Quando eu queria não tive apoio quase que nenhum. Porque não tinha também como fazer.

Interrompida sua trajetória no esporte, Lea contentou-se com o reconhecimento de amigos e familiares evitando, inclusive, lutar pelo havia conquistado: uma carreira, um título, uma história.

Quem me conheceu na época e tu que és mais jovem me reconhece, para mim basta. A minha família, os meus sobrinhos, em o maior orgulho de dizer: "Pô, foi a primeira faixa preta". Gente que eu nunca vi, dizer: "Ah, tu foi a primeira"... "É, fui." Às vezes fico até envergonhada. "É fui." Fico envergonhada mesmo. Às vezes me apresentam: "Bah, essa aqui foi a primeira faixa preta, foi a primeira judoca." não sei o que. Às vezes até demais. Eu fico.. Não, porque até não estou acostumada com isso. Mas é como quem diz: Tu me conhece? Tu sabe da minha história? Tu já ouviu falar de mim? Várias vezes tu dizes assim: "Eu já te conheço de nome há muitos e muitos anos". Isso aí me basta, nunca esquentei a cabeça por assim ser.. Eu sei quem eu fui, eu sei. Então, me basta.

Reconhecer a história de Lea Linhares e seu protagonismo no judô gaúcho não é apenas uma questão política que se contrapõe ao discurso oficial da modalidade. É, apenas uma ínfima atitude de respeito e consideração por uma pessoa que rompeu barreiras, desestabilizou verdades, transpôs fronteiras. Uma mulher que ousou num tempo que algumas ousadias não eram pensadas, aceitas ou vividas. Léa as viveu de forma intensa na alegria e na tristeza.

Para além de homenagear Lea, o lembrar desses pequenos fragmentos carrega outros objetivos: problematizar o silêncio que pesa sobre outras tantas mulheres cujas trajetórias esportivas são comumente ignoradas. Não porque não existiram mas, sobretudo, porque delas não se fala. Pensemos: tanto quanto Lea, quantas atletas, torcedoras, árbitras,

gestoras, treinadoras, professoras, jornalistas foram sub-representadas pela oficialidade dos discursos. Quantas ainda residem nas zonas de sombra!

Figura 1: Demonstração de defesa pessoal em clube de Porto Alegre (1954).



Fonte: Centro de Memória do Esporte, ESEF, UFRGS.

Figura 2: Léa Linhares com a faixa-preta (1969).



Fonte: Centro de Memória do Esporte, ESEF, UFRGS.